

# AMÁLIA

O MUSICAL DE FILIPE LA FÉRIA

## PALMAS PARA AMÁLIA

“Preciso de palmas como de pão para a boca”, disse-me Amália tantas vezes.

E palmas foi coisa que nunca lhe faltou. Ou seja, essa mágica emoção que se estabelecia entre Amália e o seu público e se exprimia através das palmas.

De início, quer o público popular do Café Luso ou dos teatros de revista, quer o público muito escolhido do Casino Estoril, quer o público ruidoso do Coliseu dos Recreios a abarrotar, todos se rendiam incondicionalmente àquela rapariga bonita, toda vestida de preto, estática, que deitava a cabeça para trás, fechava os olhos, e com a pureza da sua verdade, sem técnicas nem disfarces, lançava o seu canto e tocava o coração de todos. E as palmas eram sempre delirantes. Depois, quando começou a viajar muito, vieram outros públicos de outros países, pode dizer-se, sem medo de errar, todos os públicos de todos os países. E todos se habituaram rapidamente a admirar aquela mulher que se erguia no palco, imóvel e deslumbrante, sempre muito elegante, arrastando os seus longos vestidos pretos, que cantava numa língua que ninguém conhecia, mas que a todos envolvia na sua dor profunda. E vieram então palmas e mais palmas em todas as línguas.

Um dia, a cantora imóvel quebrou subitamente a imobilidade, agarrou o microfone na mão direita, enquanto a esquerda descrevia um ágil bailado, levando o público a cantar com ela, “para o meter dentro do espectáculo”, dizia. Eram marchas ou cantigas do folclore português, que Amália intercalava por entre os seus cantos sempre repassados de uma angústia enorme. E o público gostava de cantar essas cantigas que com ela aprendia e acompanhava com palmas compassadas. Palmas, todo o tipo de palmas, sempre mais palmas.

Agora que Amália partiu “para o país da luz”, ficou-nos a sua saudade, os seus cantos, e muitas palmas que todos ainda temos para lhe dar.

Por isso, julgo que todos quantos fizeram este espectáculo, com amor e profissionalismo, sabem bem que as palmas que receberem do público são ainda, e sempre, palmas para Amália.

(Vitor Pavão dos Santos)

Vitor Pavão dos Santos

## FILIFE LA FÉRIA

Iniciou a sua actividade teatral, em 1963, como actor, no Teatro Nacional, com Amélia Rey Colaço tendo ainda pertencido às companhias do Teatro Estúdio de Lisboa, Teatro Experimental de Cascais, Casa da Comédia e Teatro da Cornucópia.

Estudou encenação em Londres, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e foi assistente de Victor Garcia em "As Criadas" de Jean Genet.

Foi director, durante 16 anos, do Teatro da Casa da Comédia, onde encenou, entre outros, "Faz tudo, faz tudo, faz tudo!", "A paixão segundo Pier Paolo Pasolini", "A Marquesa de Sade", "Eva Péron", "Savanah Bay", "A Bela Portuguesa", "Electra ou a queda das máscaras", "Noites de Anto", "A Ilha do Oriente", revelando autores como Marguerite Yourcenar, Duras, Mishima, Agustina Bessa-Luís ou Mário Cláudio.

Em 1990 escreve e encena "What happened to Madalena Iglésias" e aceita o convite como autor encenador e cenógrafo de "Passa por mim no Rossio", no Teatro Nacional D. Maria II,

encenando, posteriormente, no mesmo Teatro "As Fúrias", de Agustina Bessa-Luís.

Reconstrói o Teatro Politeama onde estreia "Maldita Cocaína", "Jasmim ou o sonho do cinema", "De Afonso Henriques a Mário Soares", "Godspell", "Maria Callas" e "Rosa Tatuada".

Foi premiado várias vezes pela Crítica, Casa da Imprensa, S.E.C., e várias revistas como autor, encenador e cenógrafo. No décimo aniversário do 25 de Abril, a Associação Portuguesa de Críticos premeia-o como uma das personalidades que mais se destacaram no Teatro.

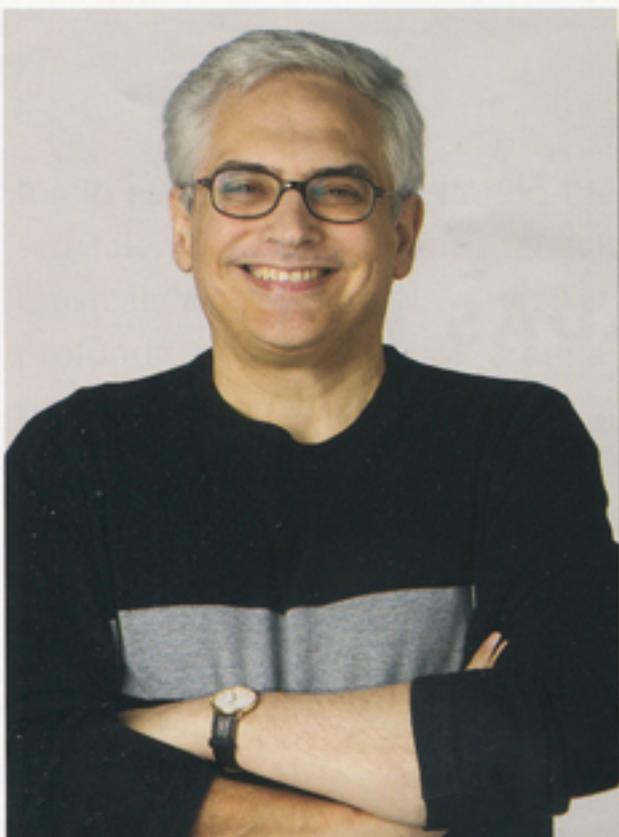
Para a televisão produziu e encenou "Grande Noite", "Cabaret", "Saudades do Futuro" e "Comédias de Ouro" onde apresenta na RTP 1 autores como Dario Fo, Oscar Wilde, Peter Schaffer e Feydeau.

Foi condecorado Comendador com a Grande Ordem do Infante D. Henrique, por sua Excelência o Presidente da República, Dr. Mário Soares.

É professor da Universidade Independente, onde rege a cadeira de "Arte e Imagem".

Estreia em Dezembro de 1999 no Cine-Casino do Funchal "Amália-O Musical" que a 23 de Julho de 2000 faz a sua primeira representação no Teatro Politeama que está há dois anos em exibição tornando-se o maior êxito do Teatro Português, com mais de 500 representações e visto por mais de meio milhão de espectadores.

Em "A Casa do Lago" volta a reencontrar Eunice Muñoz e Ruy de Carvalho, agora no palco do Teatro Politeama.



Inicio estas palavras prestando-lhe, meu caro Filipe La Féria, a minha homenagem pelo seu talento extraordinário, tenacidade e coragem. Realmente pôr em cena magnífico musical "Amália" revela não só o seu grande amor ao teatro mas também a admiração profunda que nutria por aquela que foi uma referência e um símbolo da cultura portuguesa no mundo.

Sei das inúmeras dificuldades que enfrentou para fazer subir à cena este espectáculo, tão esperado e desejado pelo público português. Sei que alguns dos mecenas que o deveriam ter ajudado fecharam-lhe incompreensivelmente as portas, embora esses mesmos mecenas suportem por vezes, mais facilmente, acontecimentos artísticos estrangeiros. Amália e você mereciam mais compreensão e apoio. Assim não sucedeu, infelizmente. Apesar de tudo, graças à sua teimosia - e permita-me salutar loucura - e vai à solidariedade e boa-vontade dos artistas e técnicos, Portugal continental vai poder admirar e aplaudir calorosamente o engenho e talento de um grupo de artistas, inteligentemente dirigidos por si. Estou certo que o êxito será à medida do espectáculo, tal como sucedeu na Madeira, onde milhares de pessoas, de pé e com as lágrimas nos olhos, aplaudiram durante 14 noites prestando a Amália, a si, e aos artistas a melhor das homenagens.

Não vou falar da qualidade musical "Amália", o público logo se aperceberá disso, pois do começo até o fim, o guião permite-nos que saibamos um pouco da vida dessa grande vedeta internacional que levou Camões e outros poetas portugueses aos países estrangeiros, tornando-os conhecidos e exaltando assim a nossa cultura. Muito menos referirei as interpretações admiráveis da Alexandra, da Mariema, do Carlos Quintas, do Henrique Feist, do Ricardo Spínola, Francisco Sobral e tantos outros. Os que hoje se iniciam, acredito, que triunfarão, pois serão influenciados pelos excelentes artistas que fazem parte desse numeroso elenco.

Caro Filipe La Féria, Amália merece todo este esforço dispendido. Fá-la-á reviver na cidade de Lisboa que tanto amou e sempre recusou trocar pelas grandes metrópoles. Os lisboetas agradecer-lhe-ão este musical cuja dignidade e beleza, já exaltadas, contagiá-los-ão e permanecerá, na memória, tal como aconteceu na Madeira, onde as flores caíam todas as noites, simbolizando o amor de um povo à grande diva do mundo.

João Carlos Nunes Abreu  
SECRETÁRIO REGIONAL DO TURISMO E CULTURA

## “Eu sei, meu amor, que tu não chegaste a partir...”

“Amália”, de Filipe La Féria, estreou na Madeira em finais de Novembro do ano passado. Tive a sorte de lá estar, de acompanhar momentos de alguns dos derradeiros ensaios, e de assistir à estreia, gloriosa por aquelas bandas.

Acompanhei depois, passo a passo, ainda que de longe, a estrondosa carreira deste musical que foi esgotando sucessivas lotações quase até à noite de Natal, altura em que o La Féria achou por bem devolver o Frederico à procedência, cansado mas feliz pela experiência que vivera.

Fala-se em boca de cena nos teatros. Amália Rodrigues era a boca do Fado e foi durante anos a boca por onde Portugal cantou. No Funchal, na sala do Casino Park, “Amália” começou por rasgar uma boca na boca de cena do teatro, estendendo por três mega écrans o grito nostálgico da Diva. Três écrans por onde foram passando a imagem única e as imagens múltiplas de Amália e do Fado Português do último século. Para o Bem e para o Mal, para a consagração e para a polémica, Amália esteve ligada à História de Portugal deste final de milénio. Ela foi a Voz, ela deu consistência à música, ela conviveu com poetas, escritores, artistas, ela atravessou os salões do poder, ela foi política, negando que o fosse, foi a imagem de Portugal passeando pelos palcos mundiais, ela foi a nossa Glória e a nossa Tristeza, o nosso Portugal dos Pequeninos e o nosso verdadeiro Quinto Império.

Enquanto no palco, um elenco de muito bom nível, ritmado pela cadência galopante de La Féria, escrevia a história de Amália Rodrigues, desde a sua humilde infância até à consagração nacional, percorrendo um itinerário de sucesso que se foi cruzando com a dor, como é destino dos imortais, nos três écrans vão surgindo frases, fotos, desenhos, pinturas, excertos de filmes ou vídeos que colocam Amália no seu tempo e o tempo de Amália nos nossos olhos. Nascida com a 1ª República, cresceu com (e para) o Estado Novo, foi condecorada por Marcelo Caetano, acusada de “colaboracionista” e perseguida em 74, condecorada por Mário Soares, levada em triunfo pelos seus 50 anos de carreira, e desceu à terra acompanhada por milhões de portugueses que a choram em Cerimónia Nacional. O filme dessa história pessoal é o filme da nossa história colectiva e passa por detrás dos actores que cantam o melhor de Amália, nas inspiradas melodias de Frederico Valério, Carlos Santos Gonçalves, José Fontes Rocha, Alain Oulman e tantos outros.

E falando de filmes, deve dizer-se que Amália no cinema também está documentada através de dois momentos importantes, “Capas Negras”, de Armando Miranda, onde aparece ao lado de Alberto Ribeiro, e “Fado, História de uma Cantadeira”, de Perdigão Queiroga, contracenado com Virgílio Teixeira. Mas a contribuição da fadista no cinema nacional ficou ainda marcada por “Fado Corrido”, de Jorge Brum do Canto, e “Ilhas Encantadas”, de Carlos Villardebó. Em todos se confirma um pressentimento: Amália poderia ter sido uma grande actriz, se bem dirigida, e esta certeza leva-nos a lamentar o diminuto número de obras onde ela aparece. Mas também no cinema, Amália deixa um presença forte.

Os murais de Almada, o casario de Botelho, o pitoresco boémio de Stuart, as cores puras de Mário Eloy, a filigrana policroma de Vieira da Silva, a intimidade fechada de Maluda, o fado de Malhoa, a solitária emoção de Lauro Corado cruzam-se com o preto e branco das fotos, com o grafismo dos cartazes e anúncios marcando a passagem da cantora pelo Retiro da Severa, pelo Parque Mayer, pelo Olympia de Paris, por Nova Iorque, Tóquio ou o Rio de Janeiro, pelo mundo. Por momentos, a imagem são os olhos de Amália, onde nos revemos. Olhos nos olhos, quem foste tu, Amália, quem somos nós, portugueses? Fado do mesmo fado, angústia da mesma angústia, pecado do mesmo pecado, paixão que nos consome, com a grandeza das coisas pequenas e íntimas.

O segredo deste musical que Filipe La Féria concebeu e encenou com brilhantismo, e que marca talvez um dos pontos mais altos da sua carreira, está na unidade conseguida, na coerência da proposta, na conjugação de todos os elementos em redor de um figura, e na força poderosa e avassaladora desta evocação. Uma personagem que são vários rostos: agora, Alexandra, Liana, Patrícia Resende ou Marline Costa, em Lisboa. O mesmo princípio do caleidoscópio que, através da diversidade, restitui a unidade. Um puzzle que se organiza à nossa frente, convidando à intervenção do espectador. Um mosaico no empedrado das ruas de Lisboa que nos traz ecos de uma mulher singular. Afinal, o Fado cumpre-se. “Eu sei, Meu Amor, que tu não chegaste a partir...” Os imortais, não partem. Viajam e regressam continuamente. Como Amália Rodrigues, que agora vemos comovidamente em “Amália”.

Lauro António

*Lauro António*

## BIOGRAFIA

**1920**

Nasce em Lisboa, na Rua Martim Vaz, Freguesia da Pena, por cima do Rossio, em Junho. A data, ninguém na família sabe ao certo. Escolheu mais tarde o dia 1 para fazer anos. Vive com os avós maternos.

**1929**

Inscreve-se na Escola Oficial da Tapada da Ajuda, onde terminará a instrução primária. É aí que cantará em público pela primeira vez.

**1934**

Passa a viver com os pais e irmãos.

**1935**

Desfila na Marcha de Alcântara e canta pela primeira vez acompanhada por uma guitarra numa festa de beneficência.

**1938**

Participa no Concurso da Primavera, por Alcântara, onde cantadeiras de vários bairros de Lisboa disputam o título de Rainha do Fado. É levada a desistir, mas conhece Francisco da Cruz, torneiro mecânico, por quem se apaixona. Tenta mesmo suicidar-se por desgosto de amor. Casa-se com Francisco da Cruz. O casamento dura apenas dois anos.

**1939**

Estreia-se no Retiro da Severa.

**1940**

Atracção convidada do Maria Vitória no Teatro de Revista "Ora Vai Tu!"

**1943**

Estreia-se no estrangeiro, em Madrid, a convite do embaixador português. Divorcia-se, a seu pedido, de Francisco da Cruz.

**1944**

Uma estadia no Brasil prevista para ser de seis semanas estende-se para três meses. O sucesso obtido é a razão para o prolongamento.

**1945**

Grava os primeiros discos de 78 rotações.

**1947**

O seu primeiro filme, "Capas Negras", bate recordes sucessivos de exibição: 22 semanas em cartaz no Condes.

**1948**

Recebe o prémio SNI (Secretariado Nacional de Informação) para melhor actriz no seu papel em "Fado" de Perdigão Queiroga.

**1949**

Canta em Paris e em Londres.

**1950**

Actua em Roma, Trieste e Berlim.

**1951**

Canta em Moçambique, no Congo Belga e em Espanha.

**1952**

Apresenta-se em Nova Iorque e fica 14 semanas em cartaz. Assina contrato com a Valentim de Carvalho.





**1953**

Em Nova Iorque a primeira actuação em televisão.

**1956**

Actua no Olympia, em Paris. Os franceses rendem-se-lhe para sempre.

**1961**

Casa-se com César Seabra, que será seu companheiro até morrer, há poucos anos.

**1965**

Protagoniza o filme "As Ilhas Encantadas".

**1967**

É condecorada por Marcelo Caetano.

**1969**

Recebe um disco de ouro em Cannes.

**1970**

Actua em Tóquio, Nova Iorque e Roma e recebe uma importante condecoração francesa.

**1975**

Regressa ao Olympia.

**1977**

Canta no Carnegie Hall, de Nova Iorque.

**1980**

É condecorada com o grau de oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

**1985**

Volta ao Olympia. Actua no Canadá.

**1989**

Brasil, Itália, EUA e novamente o Olympia de Paris. Comemora 50 anos de carreira com uma exposição no Museu do Teatro que recebe dezenas de milhares de visitantes. A Cinemateca dedica-lhe um ciclo de cinema.

**1990**

As comemorações de meio século de carreira terminam com grandes espectáculos no Coliseu dos Recreios e no Teatro de S. Carlos, em Lisboa. É a primeira vez, em duzentos anos de existência do S. Carlos, que ali se ouve cantar o Fado.

**1994**

Actua pela última vez em público no âmbito de "Lisboa Capital de Cultura".

**1995**

É operada a um tumor no pulmão.

**1997**

Edita o Livro Versos, que confirma a sua faceta poética. É homenageada pela Câmara Municipal de Lisboa. É lançado o disco de inéditos "Segredo". Noticia-se que vive com dificuldades económicas o que a obriga a desfazer-se de alguns dos seus prédios.

**1998**

Lança o "Melhor de Amália", disco muito aclamado pela crítica internacional. É homenageada na Expo 98.

**1999**

Morre Maluda, de quem era amiga íntima desde 1965. Fica profundamente desgostosa. Poucos anos antes, também vira desaparecer o marido, César Seabra, Alain Oulman e David Mourão-Ferreira, outro amigo de sempre. Morre na sua casa de S. Bento, em Lisboa, a 6 de Outubro.

# O Fado

O fado foi inicialmente uma canção do longe, repleta de recordações e da nostalgia dos viajantes embarcados entre as duas margens do Atlântico, antes de se tornar expressão típica e depois folclórica de uma certa experiência dos bairros mal frequentados do cais do Tejo, associados simultaneamente à boémia de uma aristocracia mais ou menos decadente, e à dos marinheiros, pescadores, varinas, ocasionalmente prostitutas e heroínas de amores passageiros. O seu carácter bem individualizado, muito português, está imbuído de um sentimentalismo apaixonado e passional, amores perdidos ou loucos, ciúmes assassinos, sofrimento e feridas do coração, muitas vezes invocadas como uma espécie de infelicidade feliz.

Desde sempre que o destino se apresenta e se vive sob dois aspectos: a felicidade e a infelicidade é ao segundo que nós, portugueses, associamos a ideia de fatalidade. Para os antigos isso significava aquilo que é da vontade dos deuses. O fado, pelo menos nas suas expressões mais significativas - como é o caso de Amália Rodrigues - não prolonga tanto o sentimento da fatalidade antiga, antes o recupera. No imaginário católico que é o do fado, a "infelicidade", dependendo de Deus, não pode ser realmente "má". Bom ou mau, o destino é, acima de tudo, o nosso destino e como tal, misteriosamente, uma forma de eleição. Ninguém, melhor do que Amália, conseguiu dar uma voz a esta ambiguidade do destino.

O fado não tem uma expressão única. No sentido clássico que Amália lhe deu, o fado está presente nas diversas comunidades portuguesas de emigrantes ou ligadas à emigração. Mas o fado não é a única forma de canto que identifica essas comunidades. Cada uma guarda as suas ligações aos cantares e músicas das suas terras de origem. A nossa emigração é sobretudo rural, da província ou açoreana, mais do que de Lisboa, terreno original do fado.

Se o fado é uma certa forma de ser, triste, melancólica e sobretudo saudosa, pode dizer-se que ele se encontra um pouco por toda a parte na literatura portuguesa. Mas não como uma fixação temática. O seu estatuto cultural é demasiado recente. E raramente é aceite de forma positiva. Os autores que ele inspirou e que lhe deram por sua vez, um tom diferente, são raros. José Régio, David Mourão-Ferreira, Ary dos Santos e, recentemente, Vasco Graça Moura. Neste momento, uma jovem geração propõe-se modificar o estatuto cultural e literário do fado. Prova de que, sob a sua forma castiça, o fado tem provavelmente os seus dias contados. Para além desta morte anunciada, continuará a existir, ainda por muito tempo, o fado tradicional que a voz de Amália sublimou.

**EDUARDO LOURENÇO**

# ELENCO

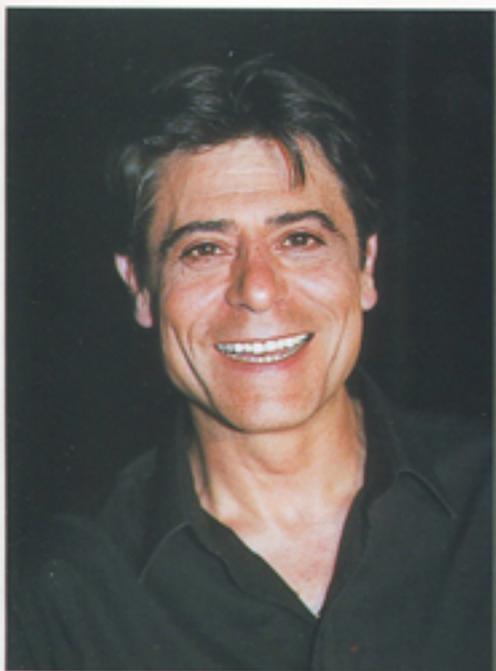
## ALEXANDRA



Uma das mais talentosas e populares cantoras portuguesas deste século, nasceu na Beira Baixa, passando a sua infância em Moçambique. Do cantar beirão herdou a característica vocal, mas foi a terra africana que a influenciou interpretativamente. Profissional desde 1972, assume a defesa dos valores culturais portugueses dando voz aos nossos melhores poetas. Participou em diversos Festivais da Canção da RTP onde obteve dois prémios de interpretação. As suas canções tornaram-se rapidamente best-sellers. "Zé Brasileiro, Português de Braga", atinge o top de

vendas e popularidade. Em 1996, ao lado de Amália Rodrigues participou na ópera rock "O Nazareno" e em diversos espectáculos de Filipe La Féria. "Amália" será um dos maiores desafios da sua carreira de cantora e actriz. Pela sua interpretação em "Amália" Alexandra recebeu o prémio prestígio da Casa da Imprensa, Prémio de Teatro "O Patriota" e foi considerada pela RAI "Uma das melhores vozes da Europa".





## CARLOS QUINTAS

Consagrado actor do Teatro português, com uma vastíssima carreira de êxitos, foram notáveis as suas interpretações no Teatro Avenida de Luanda e nas comédias ao lado de Laura Alves. Porém, foi em "Godspell" que se revelou como actor / cantor de grandes recursos que se confirmaram em dezenas de peças e programas de televisão de onde destacamos as suas interpretações em "Passa Por Mim No Rossio" e "Maldita Cocaína", sendo considerado um dos melhores actores da sua geração.

## MARIEMA

Uma das maiores vedetas populares do Teatro de Revista deste século, Mariema logo na sua estreia se transformou em primeira figura do Parque Mayer, na Revista "É Regar e Pôr ao Luar" mas foi no popular Teatro Maria Vitória que criou aquele que viria a ser um dos mais populares fados de revista do Século XX, "O Fado Mora em Lisboa". Premiada pela Casa da Imprensa obteve todos os prémios dados em Portugal como Prémio da Crítica, Prémio Lucinda Simões do SNI, transformando-se num caso só comparável a Ivone Silva, como uma das mais brilhantes actrizes da história do teatro de revista em Portugal.



## NOÉMIA COSTA

Noémia Costa surge em 1980, como actriz e cantora. Em 1983 participa no musical "Annie" no Teatro Maria Mattos, pertencendo a Companhias de Nicolau Breyner, Henrique Santana, Luís Aleluia. Em 1997 ganha o Prémio de Melhor Actriz de Revista. No cinema "Zona J", na televisão participou em "Amo-te, Teresa", "Capitão Roby", "O Conde Abrantes" entre dezenas de programas.

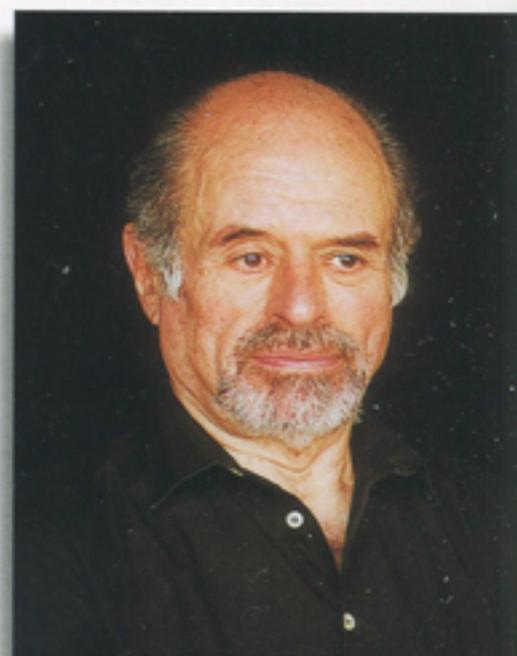


## FRANCISCO SOBRAL

Fadista alentejano, sem dúvida uma das grandes promessas da nova geração do Fado Português. Actuações regulares no "Club do Fado" e na Pousada dos Loios. Estreou-se no Funchal como actor-cantor em "Amália".

## JORGE SOUSA COSTA

Estreou-se em 1959 no Teatro Nacional D. Maria II em "O Lugre" de Bernardo Santareno. A sua carreira está ligada ao Teatro Estúdio de Lisboa, dirigida por Luzia Maria Martins e Helena Félix onde participa em mais de 15 espectáculos, muitos deles históricos no Teatro Português. Ao lado de Laura Alves, representa "A Menina Alice e o Inspector" e "Adeus Valentina" de Barillet e Grédy. Na Casa da Comédia participa na primeira encenação de La Féria em 1968, "A Invenção do Amor" de Daniel Filipe. No Teatro Aberto, no Teatro Ibérico e no Teatro Nacional tem interpretações notáveis, participando também em "Rei Lear" na encenação de Richard Cottrell. Presença constante na televisão e no cinema ganhou o Prémio da Imprensa e uma Menção Honrosa no Festival de Berlim em 1962 pelo seu desempenho em "Retalhos da Vida de Um Médico" de Fernando Namora, realização de Jorge Brum do Canto e "Ilhas Encantadas" de Carlos Villardebó com Amália Rodrigues. Integrou o elenco de "Rosa Tatuada" no Teatro Politeama.



## ANTÓNIO LEAL

Como solista cantor gravou até à data 13 discos (Tó Leal). Fez os seus estudos na Academia de Música; na Musik Universitætea de Gotenborg – Suécia; e técnica vocal e canto lírico com Maria Antónia Palhares. Como produtor é galardoado com dois Discos de Ouro. No teatro compôs para Filipe La Féria "Marlowe", "Senhor Vasco", "Adeus Século XX", "Pierrot e Arlequim". Para o grupo Cassefaz "As Barbies". É director Musical do programa televisivo "Sábado à Noite" e da peça teatral "Festa na Floresta. Em "Amália" interpreta Alain Oulman.

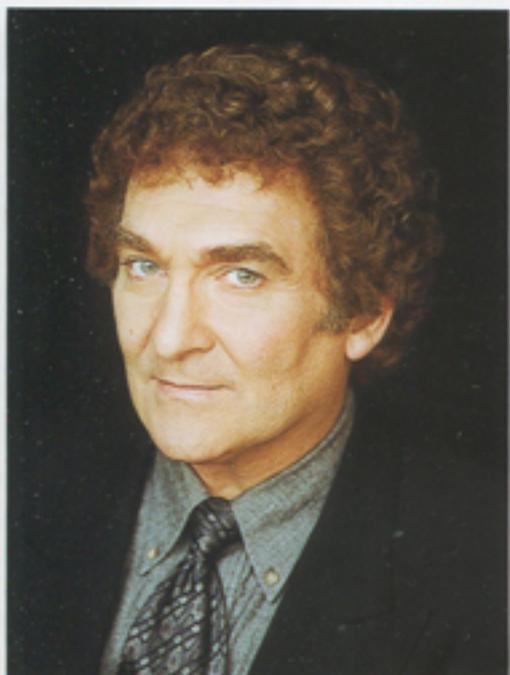


## HELENA ROCHA

Natural de Moçâmedes, em Angola. Licenciada em Filologia Germânica. Professora do Ensino Secundário desde 1972. Cançonetista no final da década de 60. Criadora de vários êxitos discográficos e televisivos da época. Muitas actuações em Portugal em vários pontos da Europa e de África. Actriz / cantora com Filipe La Féria na RTP em: "Todos Ao Palco", "Saudades do Futuro", "O Vison Voador" e "Faça-se Ouvir no Novo Século" e no Teatro Politeama em "Rosa Tatuada". Foi uma das protagonistas da série de La Féria para a RTP "Casa da Saudade".

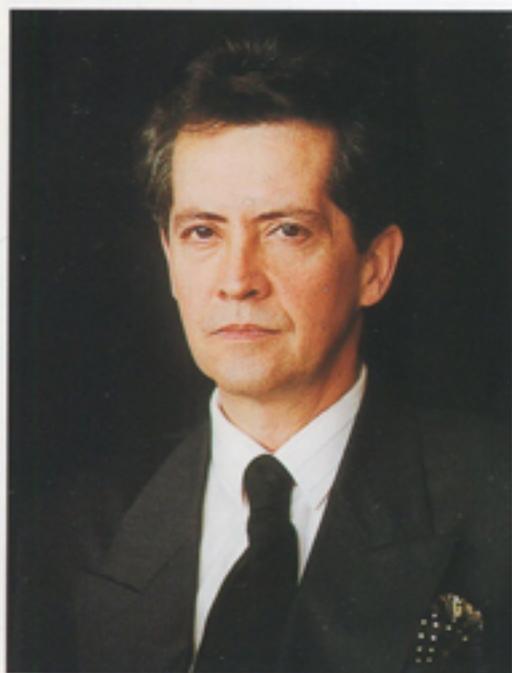
## ROSA AREIA

Estreou-se na Academia de Santo Amaro, sendo actriz residente da Companhia de Teatro Infantil, sob a direcção de Rosa Mateus, participou como actriz, directora de cena e assistente de encenação de Henrique Santana. Actriz de televisão em "Médico de Família" e "Cinzas". Integrou o elenco de "Rosa Tatuada", no Teatro Politeama.



## JOEL BRANCO

Um dos mais populares actores do teatro ligeiro, foi bailarino e primeira figura de várias revistas do Parque Mayer. A sua interpretação em "Godspell" no Teatro Villaret revelou-o como actor/cantor de enormes recursos, que confirmou ao lado de Ivone Silva em "Não há nada para ninguém", onde foi distinguido com o prémio de Melhor Actor do ano atribuído pela Casa da Imprensa e Nova Gente. Variadíssimas actuações na televisão em telenovelas "Origens", "A Grande Aposta", "Terra Mãe" e "Os Lobos".



## CARLOS VERÍSSIMO

Regressa ao teatro em "Amália". Actor de grande carreira, nomeadamente no TEC, Teatro Nacional e Teatro Maria Matos. Foi protagonista de vários filmes portugueses e estrangeiros e teve várias aparições na televisão.

## LIANA

Liana é a jovem Amália!

Vencedora da Grande Noite do Fado em 1994, 1995, 1996. Foi este ano a vencedora do 37º Festival da Canção 2000. Estreou-se como actriz no Teatro Politeama em "Jasmim ou o sonho do cinema".

Com vários discos editados, Liana tem o seu grande papel em "Amália".



## ANTÓNIO JOSÉ ZAMBUJO

Fadista na nova geração do fado, com presença assídua no "Club do Fado" e na "Pousada dos Loios" em Évora, estreia-se em teatro em "Amália".



## ISABEL NORONHA

Vencedora da Grande Noite do Fado no ano de 1993. Vencedora de vários festivais infantis. Gravou dois CD's. Estreia-se agora em teatro representando, em alternância com Liana, o papel da jovem Amália. Recebeu o Prémio Revelação 2001 na Grande Noite do Fado.

## NUNO GUERREIRO

Estreou-se em "Grande Noite", tendo participado em "Maldita Cocaína" e "Cabaret".



## ISABEL BALBI

Estreia-se na Academia de Santo Amaro, participando como profissional do TEC e Triângulo.





## ELENCO INFANTIL:

João Carvalho - Ana Balbi - Patrícia Resende  
- Ana Santos - Marline Costa - Sara Campino  
- Alexandre Carvalho  
(em baixo) Gustavo Gaspar - Gonçalo Carvalho  
- Luís Silva - Ana Rita



## JOVENS ACTRIZES:

Carla Pires - Yola Dinis - Filipa Batista - Marcela  
de Freitas - Margarida Matos  
(Em Baixo) Joana Correia - Joana França -  
Mariana Perucho - Carla Lourenço



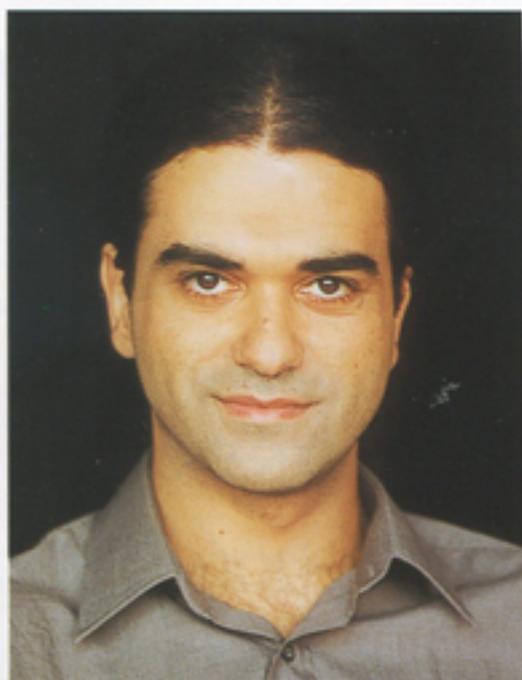
## JOVENS ACTORES:

Rafael Rodrigues - Ricardo Castro - Luís Mateus  
- Tiago Diogo - Joaquim Barros - David Ventura



**DIRECÇÃO DE GUITARRAS**

*José Carvalhinho*



**DIRECÇÃO VOCAL**

*Carlos Ançã*



**MUSICOS:**

*Mário Rui* - pianista, *Paulo Feiteira* - viola, *Frederico Gato* - baixo acústico,  
*Arménio de Melo* - guitarra portuguesa - *João Nuncio* - guitarra portuguesa,  
*José Braga* - guitarra portuguesa, *Cesar Medeiros* - percussionista

# UM ESPECTÁCULO

## FILIFE LA FÉRIA

- ALEXANDRA
- CARLOS QUINTAS • ANTÓNIO LEAL
- MARIEMA
- NOÉMIA COSTA • FRANCISCO SOBRAL
- JORGE SOUSA COSTA
- HELENA ROCHA • ROSA AREIA • ISABEL BALBI
- E
- JOEL BRANCO • CARLOS VERÍSSIMO
- LIANA
- ISABEL NORONHA
- ANTÓNIO JOSÉ ZAMBUJO • NUNO GUERREIRO

### **OS MENINOS:**

- MARLINE COSTA • PATRÍCIA RESENDE
- ALEXANDRE CARVALHO • ANA BALBI
- ANA SANTOS • GONÇALO CARVALHO
- MARCOS SILVA • JOÃO PRIM
- LUÍS SILVA • SARA CAMPINO • ANA RITA

### **E OS JOVENS ACTORES:**

- ALMA BORGES • CARLA PIRES • DAVID VENTURA
- FILIPA BATISTA • MARIANA PERUCHO • SÉRGIO CALVINHO
- JOANA CORREIA • JOANA FRANÇA • LUÍS MATEUS
- MARCELA FREITAS • MARGARIDA MATOS • NIVÉRIA
- JOAQUIM BARROS • RICARDO CASTRO • TIAGO DIOGO
- YOLA DINIS • CARLA LOURENÇO

### **MÚSICOS:**

- MÁRIO RUI JOSÉ CARVALHINHO • PAULO FEITEIRA
- FREDERICO GATO • JOÃO NÚNCIO
- JOSÉ BRAGA • ARMÉNIO DE MELO • CÉSAR MEDEIROS

### **DIRECÇÃO VOCAL:**

CARLOS ANÇÃ

### **DIRECÇÃO DE GUITARRAS:**

JOSÉ CARVALHINHO

LIANA E ISABEL NORONHA INTERPRETAM AMÁLIA JOVEM  
EM ALTERNÂNCIA



## TEATRO POLITEAMA

Estavam a começar os anos 10!

Luís António Pereira, que era um homem apaixonado pelas artes do espectáculo, sonhou dar a Lisboa uma nova sala, onde a música e o teatro pudessem servir o público e a cultura portuguesa.

Assim, nuns terrenos que comprou na rua das Portas de Santo Antão, frente ao Coliseu dos Recreios, lançou em 12 de Maio de 1912 a primeira pedra do que viria a ser o Teatro Politeama.

Encarregou o mais prestigiado arquitecto do seu tempo, Ventura Terra, de traçar os planos do projecto, sendo o responsável pela construção, José Passos Mesquita. Das decorações do teatro ocuparam-se o escultor Jorge Pereira e os pintores Benvindo Seia e Veloso Salgado.

Finalmente, Luís António Pereira inaugurou a 6 de Dezembro de 1913 o "seu" Politeama!

O Espectáculo de estreia foi a opereta "Valsa de Amor", com Cremilda de Oliveira e Sofia Santos nas principais figuras.

Muitas foram as Companhias de Teatro que representaram no Politeama: Ângela Pinto, Palmira Bastos, Alves da Cunha, Brunilde Júdice, Adelina Abranches - Aura Abranches, Lucinda Simões - Erico Braga, Maria Matos, Nascimento Fernandes, Luisa Satanela - Estevão Amarante. Foi neste Teatro que Amélia Rey Colaço, já em termos de Companhia Rey Colaço -

Robles Monteiro representou "O Lodo" de Alfredo Cortez e "Salomé" de Oscar Wilde, duas peças polémicas na sua época, e após temporadas de grande sucesso artístico, a Companhia saiu do Politeama para tomar a concessão e a direcção do Teatro Nacional D. Maria II. Aqui, neste palco, Palmira Bastos interpretou com grande êxito "A Dama das Camélias".

Em 1935, na Companhia Alves da Cunha, estreou-se em 20 de Agosto a grande actriz Laura Alves em "Duas Garotas de Paris" ao lado de João Villaret. Por este Teatro passaram os maiores actores da cena portuguesa do Séc. XX como António Silva, Irene Isidro, Vasco Santana, Teresa Gomes, Raúl de Carvalho, Emília de Oliveira, Ruy de Carvalho, Varela Silva e Curado Ribeiro.

Durante anos o Politeama foi cinema, estreando filmes históricos como "Casablanca" em plena II Grande Guerra Mundial, o que provocou uma autêntica batalha campal entre os espectadores.

O Politeama tornou-se o cinema de estreia dos filmes de Mário Moreno (Cantiflas), de Bette Davis, Humphrey Bogart e de outras estrelas carismáticas do cinema americano dos Anos 40 / 50.

Nos Anos 50 Igrejas Caeiro realizou neste palco o célebre "Combóio das Seis e Meia" em que ficaram célebres as figuras do "Zéquinha" e da "Lélé", interpretadas por Vasco Santana e Irene Velez. Neste programa radiofónico, que era transmitido em directo do Politeama, ficaram célebres as actuações de Amália Rodrigues que aqui estreou vários dos seus grandes sucessos.

Muitas festas de homenagem a várias personalidades do espectáculo tiveram lugar neste teatro, desde Ângela Pinto a Dário Nicodemi, de Guilhermina Suggia, a David de Sousa, ou Nascimento Fernandes e, recentemente, a Armando Cortez, Luzia Maria Martins, a encenadora que aqui se estreou como actriz em 1933 na companhia de revista de Linda Demoel, a Igrejas Caeiro e Maria Helena Matos que neste palco representou durante mais de um ano, com a sua mãe, a célebre comédia "O Domador de Sogras" com as geniais Maria Matos e Adelina Abranches.

Também o Politeama foi palco de Bailado: Francis Graça estreou o "Verde Gaio", e o Ballet Gulbenkian realizou várias temporadas.

A célebre companhia de bailados de gelo "Holiday On Ice" estreou-se em Portugal no palco do Politeama.

Mário Viegas, nos Anos 80, estreia "Fim de Festa", de Samuel Beckett, representando no horário da 2ª matinée enquanto o Politeama era explorado como cinema.

Finalmente, em 1991, Filipe La Féria remodelou o Teatro Politeama, estreando em 1992 neste palco o grande musical "Maldita Cocaína" de Filipe La Féria a que se seguiram entre outros, "Maria Callas" de Terrence McNally, "Rosa Tatuada" de Tennessee Williams e o grande sucesso que é "Amália" com mais de 500 representações e ultrapassando o meio milhão de espectadores. Com "A Casa do Lago" o Teatro Politeama recebe no seu palco e na sua história Eunice Muñoz e Ruy de Carvalho.

# "AMÁLIA"

AMÁLIA	-	ALEXANDRA
AMÁLIA JOVEM	-	LIANA / ISABEL NORONHA
AMÁLIA CRIANÇA	-	MARLINE COSTA/ PATRÍCIA RESENDE
AVÓ	-	HELENA ROCHA
MÃE LUCINDA	-	MARIEMA
PAI ALBERTINO	-	JORGE SOUSA COSTA
VICENTE CRIANÇA	-	GONÇALO CARVALHO/ LUÍS SILVA
CELESTE CRIANÇA	-	SARA CAMPINA/ ANA BALBI
FILIFE CRIANÇA	-	ALEXANDRE CARVALHO/ JOÃO PRIM
ANA	-	ANA SANTOS/ ANA TEIXEIRA
VICTOR PAVÃO DOS SANTOS	-	GONÇALO CARVALHO
VICENTE	-	TIAGO DIOGO
CELESTE	-	JOANA FRANÇA
FILIFE	-	LUÍS FILIFE MATEUS
ENSAIADOR / HUMBERTO DE ITÁLIA / / BRUNO COQUATRIX	-	JOEL BRANCO
FRANCISCO DA CRUZ	-	ANTÓNIO JOSÉ ZAMBUJO
BERTA CARDOSO	-	NOÉMIA COSTA
ALFREDO MARCENEIRO	-	FRANCISCO SOBRAL
EMPRESÁRIO / CÉSAR	-	NUNO GUERREIRO
ANTÓNIO FERRO / REALIZADOR CONTRA-REGRA / TÉCNICO	-	RICARDO CASTRO
FREDERICO VALÉRIO	-	CARLOS QUINTAS
VALENTIM DE CARVALHO / ERICO BRAGA / EMBAIXADOR	-	JORGE SOUSA COSTA
ESTRELA	-	HELENA ROCHA
ILDA	-	ROSA AREIA
CORTIZO	-	ISABEL BALBI
RICARDO ESPÍRITO SANTO	-	CARLOS VERÍSSIMO
EDUARDO RICCIARDI	-	DAVID VENTURA
ALAIN OULMAN	-	ANTÓNIO LEAL

**TEXTO / ENCENAÇÃO / CENOGRAFIA:**  
FILIPE LA FÉRIA

**SEGUNDO A BIOGRAFIA DE**  
VICTOR PAVÃO DOS SANTOS

**ORQUESTRAÇÕES SEGUNDO OS COMPOSITORES**  
DE AMÁLIA

**FIGURINOS:**  
JOÃO ROLO / FILIFE LA FÉRIA

**DESENHO DE LUZES:**  
FERNANDO FARELEIRA

**DESENHO DE SOM:**  
CARLOS ESTEVES

**ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO:**  
CARLOS QUINTAS

**REALIZAÇÃO DE VÍDEO:**  
FREDERICO CORADO

**CONTRA REGRA:**  
HUGO VIEGAS

**MAQUINISTA:**  
JOSÉ FERNANDO OLIVEIRA

**CHEFE TÉCNICO:**  
JOSÉ MANUEL MARQUES

**MONTAGEM:**  
ELCARGA  
JOSÉ MANUEL MARQUES

**TELÕES EXTERIORES:**  
JOÃO BARROS

**OPERAÇÃO DE LUZ:**  
JORGE CARVALHO

**OPERAÇÃO DE SOM:**  
TÓ MELGA  
HUGO EDGAR SILVA  
BRUNO OLIVEIRA

**MAQUILHAGEM:**  
NITÚCHA

**CABELEIREIRO:**  
GENA RAMOS

**TÉCNICOS DE PALCO:**  
HUGO VIEGAS / JOSÉ FERNANDO

**TÉCNICOS DE VARANDA:**  
SÉRGIO JOAQUIM / PEDRO COSTA  
PAULO MIRANDA / MARCO PIRES

**ELECTRICISTA:**  
CUSTÓDIO VIEGAS

**AUXILIARES DE GUARDA-ROUPA:**  
HELENA BRANDÃO / CATITA SOARES / HELENA RESENDE

**TELEFONISTA:**  
MARIA EMÍLIA

**BILHETEIRA:**  
MILA SANTOS / WAGNER LOBO

**PRODUÇÃO:**  
JOSÉ GÁSPAR / IRENE DE SOUSA / ELSA ISIDRO

**DESENHO GRÁFICO:**  
SISTEMAS RAFAEL

**UMA PRODUÇÃO DE:**  
BASTIDORES PRODUÇÕES ARTÍSTICAS, LDA.

# TEATRO POLITEAMA

**DIRECTOR ARTÍSTICO:**  
FILIPE LA FÉRIA

**DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO:**  
SÓNIA FERNANDES

**DIRECÇÃO FINANCEIRA:**  
BORGES LOURENÇO  
MARIA RUIVO

**ASSESSORIA JURÍDICA:**  
RUI CARLOS COLMONERO

**CHEFE TÉCNICO:**  
JOSÉ MANUEL MARQUES

**DIRECTORA DE CENA:**  
HELENA ROCHA

**BILHETEIRA:**  
MILA SANTOS  
WAGNER LOBO

**PRODUÇÃO:**  
JOSÉ GASPAR  
IRENE DE SOUSA  
ELSA ISIDRO

**FOTÓGRAFA:**  
LUIA GOMES

**MAQUETISTA:**  
FÁTIMA SIMMONDS

**RESPONSÁVEL DE GUARDA-ROUPA:**  
HELENA BRANDÃO

**AUXILIARES DE GUARDA-ROUPA:**  
CATITA SOARES  
HELENA RESENDE

**OPERAÇÃO DE LUZ:**  
JORGE CARVALHO

**OPERAÇÃO DE SOM:**  
TÓ MELGA  
HUGO EDGAR SILVA  
BRUNO OLIVEIRA

**ELECTRICISTA:**  
CUSTÓDIO VIEGAS  
MÁRIO GIL

**TÉCNICOS DE PALCO:**  
HUGO VIEGAS  
JOSÉ FERNANDO OLIVEIRA

**CHEFE DE SALA:**  
FERNANDO MENDES

**PORTEIRO:**  
RUI MAÇAS

**PORTA DE CAIXA:**  
ADELINO DA COSTA ESTEVES

ANTÓNIO MADEIRA  
FRANCISCO AFONSO  
ISABEL SANTOS

**EQUIPA DE LIMPEZA:**  
PROVIDÊNCIA MOÇO  
URBANA BENTO

**BAR:**  
JOÃO SEMEDO  
CÁTIA AFONSO

**PESSOAL DE SALA:**  
CÁTIA AFONSO  
ANA MARTINS  
HUGO OLIVEIRA  
LUÍS SEMEDO

**SERVIÇO EXTERNO:**  
PEDRO ABREU  
PAULO RIBEIRO

**TELEFONISTA:**  
MARIA EMILIA

**AGRADECIMENTOS:**  
CARLOS VENTURA MARTINS  
FUNDAÇÃO AMÁLIA RODRIGUES  
FRANCISCO CAMPOS  
MIGUEL KITLER  
MANUELA AZEVEDO  
CLÍNICA DA BOAVISTA  
LUIS MOREIRA  
LAURO ANTÓNIO  
VICTOR PAVÃO DOS SANTOS  
JOÃO CARLOS ABREU  
TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS  
FREDERICO CORADO  
ANTÓNIO SALA  
LUÍSA ESPÍRITO SANTO  
CRISTINA DE CASTRO  
AMIGOS DO TEATRO POLITEAMA  
PROF. DOUTOR MÁRIO ANDREIA  
MÁRIO MARTINS  
MARIA AMÉLIA PARENTE  
MANUFACTURAS ROMA  
CARLOS MENDONÇA  
SIORTO-SOCIEDADE IND. ORTOPEDIA LDA  
CABELEIREIRAS NOVIDADES  
LEGATTEAUX  
ENERRE  
MAGAZIN PRODUÇÕES  
OURIVESARIA SARMENTO  
MUSEU NACIONAL DO TEATRO

Patrocínios:

Atlântico  
Aptipass  
VIP

Porto  
M/C  
RR

Apoios:

RTV  
C. M. VILA NOVA DE GAIA

BERAGUA  
el.carga

VIDEOCOLOR  
REVLON

RTV-MARKET  
DIRECÇÃO

CIN  
VIRCLAR

FAE

COMPENSA

Notícias

24 horas

Tal & Qual

Antena 1